

ESTUDOS DE GÊNERO: PERCURSOS E POSSIBILIDADES NA HISTORIOGRAFIA CONTEMPORÂNEA*

MARIA IZILDA S. DE MATOS**

Novas preocupações da historiografia com a descoberta de “outras histórias” vêm favorecendo a incorporação da abordagem de gênero na área. Por outro lado, esses trabalhos têm contribuído de modo significativo para a renovação temática e metodológica, ampliando áreas de investigação e renovando marcos conceituais tradicionais. Assim, a expansão dos estudos de gênero na história localiza-se no quadro de transformações por que vem passando a história nos últimos tempos, sendo possível afirmar que, por razões internas e externas, esses estudos emergiram da crise dos paradigmas tradicionais da escrita da história, da qual essa disciplina saiu nitidamente revigorada.

A presença crescente das mulheres em diferentes espaços instigou os interessados na reconstrução das experiências, vidas e expectativas das mulheres nas sociedades passadas, descobrindo-as como sujeitos da história e objeto de estudo. Essa expectativa alia-se à pluralidade de possibilidades de olhares sobre o passado – mostrando que este pode ser desvendado a partir de múltiplas questões, entre elas as motivadas pelo presente – permite perceber toda uma vinculação entre a produção acadêmica e a emergência dos movimentos feministas e de mulheres. Esse esclarecimento se faz mais necessário quanto se dá conta de que a história não recupera o real no passado, mas constrói um discurso sobre ele, trazendo tanto o olhar quanto a própria subjetividade do historiador que recorta e narra o passado, deixando explícito que o domínio que os historiadores têm é sempre parcial.

A produção historiográfica

Na historiografia ampliou-se e diversificou-se nos últimos anos. Os estudos sobre a mulher, sua participação na sociedade, organização familiar, movimentos sociais, política e trabalho adquiriram notoriedade e abriram novos espaços, em particular após a incorporação da categoria gênero.

O processo de emergência do tema, nos anos 70, tanto na produção historiográfica como em outras áreas, tinha como pressupostos reintegrar as mulheres à história e restituir a elas sua história, nesse momento foi priorizado o tema do **trabalho feminino**, em particular, o trabalho fabril.

A produção historiográfica brasileira sobre as mulheres, nos anos 80, apresenta variadas abordagens, que analisam aspectos diferenciados da questão, tornando-se uma contribuição significativa, onde poderes e lutas femininas foram

* Recebido para publicação em setembro de 1998.

** Dr^a Maria Izilda S. de Matos, Prof^a Titular do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica-SP e Coordenadora do Núcleo de Estudos da Mulher – NEM-PUC/SP.

recuperados, mitos examinados e estereótipos repensados. Num leque de várias correntes de interpretações, procurou-se recuperar a atuação das mulheres no processo histórico como sujeitos ativos, de modo que as imagens de pacificidade, ociosidade e confinamento ao espaço do lar foram questionadas, descortinando-se esferas de influência e recuperando os testemunhos femininos.

Assim, a necessidade de tornar as mulheres visíveis, vinculada a uma certa obsessão pela denúncia à opressão histórica sobre elas, caracterizou uma "primeira geração de pesquisadoras". Envolvendo esses trabalhos na dificuldade de superar a dicotomia entre a "vitimização" da mulher – uma análise que apresenta um processo linear e progressista de suas lutas e vitórias – e a visão de uma "onipotência" e "rebeldeia" feminina¹, que algumas vezes estabelece uma "heroicização" das mulheres.

O crescimento desta produção permite apontar que não se trata apenas de incorporar as mulheres no interior de uma grande narrativa pronta, quer mostrando que as mulheres atuaram tanto quanto os homens na história, quer destacando as diferenças de uma "cultura feminina", perdendo-se, assim, a multiplicidade do ser feminino, podendo cair numa mera perspectiva essencialista.

Em função dessas críticas e das próprias tensões/ transformações nas reivindicações dos movimentos feministas é que surge o gênero como categoria de análise histórica, convergindo com tendências historiográficas emergentes, entre elas a "história cultural".

Sem dúvida, a categoria gênero reivindica para si um território específico, em face da insuficiência dos corpos teóricos existentes para explicar a persistência da desigualdade entre mulheres e homens. Como nova categoria, o gênero vem procurando dialogar com outras categorias históricas já existentes, mas vulgarmente ainda é usado como sinônimo de mulher, já que seu uso teve uma acolhida maior entre os historiadores desse tema.² Considerada mais "neutra e objetiva", seu uso também pode ser visto como uma faceta que busca dar legitimidade acadêmica por parte dos estudiosos do tema.

A categoria gênero encontrou um terreno favorável na historiografia brasileira contemporânea, desnaturalizando as identidades sexuais e postulando a dimensão relacional. Talvez a história tenha sido uma das áreas, no campo interdisciplinar dos estudos de gênero, que mais intensamente tenha feito essa incorporação.³

Assim, na década de 90, os estudos se ampliaram e diversificaram em termos temáticos, de abordagens e focalizando diferentes momentos. Incorporaram, mesmo que tardiamente a questão da violência numa perspectiva histórica,

¹ Foram inspiradores para os historiadores brasileiros os trabalhos de Natalie Zemon Davis, Michèle Perrot, Arlette Farge, Françoise Thebaut; suas investigações têm contribuído no questionamento à submissão, dócilidade e passividade femininas.

² Na produção historiográfica brasileira, apesar do intenso diálogo interdisciplinar, as proposições de Joan Scott, L. Tilly, Mary Nash, Linda Gordon, produziram muitos ecos. Possivelmente, o fato de serem historiadoras, engajadas com as tensões na área, traduziu em seus textos ansiedades que envolviam a muitos historiadores naquele momento.

³ É crescente o número de dissertações e teses, que, além de incorporarem as mulheres em um único capítulo, privilegiaram as mulheres e a perspectiva de gênero como central. A apresentação de pesquisas nos congressos nacionais e regionais da Anpuh também cresceu, bem como em outros *forums*, em que a presença de pesquisas na área de história vem se destacando. Ampliaram-se, também, os cursos e disciplinas oferecidos; todavia, a dificuldade maior em captar a dimensão desse processo seja as publicações (revistas e livros), que apesar de crescentes ainda são poucas e se encontram setorializadas.

aprofundaram as investigações sobre imaginário feminino, diversificaram a documentação, utilizando criativamente a música, a literatura e os cronistas, a imprensa, o cinema e a mídia.

Contribuições: método, categorias, fontes e temporalidades

A expansão e o enriquecimento dos temas de investigação propostos pelos estudos de gênero foram acompanhados por renovações dos marcos temáticos e metodológicos, enfoques e modos de análise inovadores que, além de questionar os paradigmas históricos tradicionais, vêm colocando novas questões, descobrindo novas fontes, enfim, contribuindo para redefinir e ampliar noções tradicionais do significado histórico.

Esta produção tem revelado os limites da utilização de certas categorias descontextualizadas, sinalizando a necessidade de estudos específicos que evitem tendências à generalizações e premissas preestabelecidas. Dessa forma, busca revelar o processo artificial na construção de certos conceitos supostamente “naturais”, bem como observar a heterogeneidade das experiências, incorporando toda a complexidade do processo histórico, o que implica aceitar as mudanças e descontinuidades históricas.

Quanto às categorias de análise, o uso do gênero apontou a necessidade de se libertar de conceitos abstratos e universais, bem como, a necessidade de se historicizar os conceitos e categorias (entre elas a própria categoria gênero), construindo-os durante o próprio processo de pesquisa. Além de aceitar conscientemente a transitoriedade dos conceitos e do próprio conhecimento, bem como incorporar a própria efemeridade das perspectivas, a instabilidade das categorias analíticas, constantemente desconstruídas e reconstruídas, e a historicidade inerente ao processo de conhecimento.

Os estudos de gênero vão de encontro a certas tendências da historiografia contemporânea que questionam a concepção de história como evolução linear e progressista e a do tempo vinculado a leis de mudanças e prognósticos do futuro. Procurando acabar com a segmentação entre passado e presente, os estudos de gênero contribuíram para a ampliação do objeto de conhecimento histórico, levando a descoberta de temporalidades heterogêneas, ritmos desconexos, tempos fragmentados e descontinuidades, descortinando o tempo imutável e repetitivo ligado aos hábitos, mas também o tempo criador, dinâmico e das inovações, focalizando o relativo, a multiplicidade de durações que convivem entre si urdidas na trama histórica. Assim, as nuances, as tendências, os movimentos, passaram a ocupar a atenção dos historiadores, em lugar da certeza de fatos cronológicos e periodizações específicas.

É indiscutível a contribuição da produção historiográfica sobre o gênero na ampliação das visões do passado, mas ainda há muito mais por ser feito, já que grande parte dos segredos a serem conhecidos ainda está encoberta por evidências inexploradas. Nesse sentido, os estudos de gênero reconhecem a pesquisa empírica como elemento indispensável.

Os estudos históricos com a abordagem de gênero trouxeram à luz uma diversidade de documentações, um mosaico de pequenas referências esparsas, as dificuldades estão mais na fragmentação do que na ausência da documentação,

o que requer uma paciente busca de indícios, sinais e sintomas, uma leitura detalhada para esmiuçar o implícito, para descortinar os gêneros.⁴

No diálogo constante no campo interdisciplinar dos estudos de gênero, emerge o enfoque cultural na história o que possibilita recuperar outras manifestações passadas da experiência coletiva e individual de mulheres e homens, destacando que o social é historicamente constituído, nele as experiências sociais femininas e masculinas diferenciadas emergem numa condição própria em sociedades específicas. Nesse sentido, é importante observar as diferenças sexuais enquanto construções culturais, lingüísticas e históricas, que incluem relações de poder não localizadas exclusivamente num ponto fixo – o masculino –, mas presente na trama histórica. Bem como, investigar os discursos e as práticas que garantem o consentimento feminino às representações dominantes e naturalizadas da diferença, o que não excluiria que à incorporação da dominação às variações, manipulações, táticas, recusas e rejeições por parte das mulheres, complexificando as relações de dominação históricas.⁵

Impasses e perspectivas

A incorporação do gênero, como categoria de análise na historiografia, tem procurado destacar as diferenças a partir do reconhecimento de que a realidade histórica é social e culturalmente constituída, tornando-se um pressuposto do pesquisador que procura incorporar essa categoria, permitindo perceber a existência de processos históricos diferentes e simultâneos, bem como abrir um leque de possibilidades de focos de análise.

Novos desafios à interpretação crítica do historiador permitem a ampliação de questões metodológicas importantes, sem abstração do engajamento político ao sujeito do conhecimento, que provêm de um questionamento na inserção do historiador no mundo contemporâneo. Envolve a interação do sujeito com o objeto, sem uma neutralidade prefixada, criando uma verdadeira sintonia entre o historiador e seu objeto de estudo, no processo de conhecimento envolvido em um diálogo crítico entre hipóteses, observações, categorias e arcabouço documental sem um método previamente pronto e fechado.

Ao lado do engajamento do historiador com o presente e a transitoriedade do conhecimento, há a diversidade de interpretações possíveis, a multiplicidade de perspectivas analíticas, que são constantemente refeitas junto aos parâmetros e categorias. Convive-se com diversas posições, controvérsias e tensões nos estudos históricos de gênero, todavia essas diferentes abordagens coincidem com a diversidade de correntes presentes na historiografia contemporânea.

O crescimento da produção historiográfica sobre o gênero, ao contrário de esgotar as possibilidades, abriu controvérsias, instaurando um debate fértil. Contudo, alguns problemas de definição, fontes, método e explicação persistem, e entre eles a diversidade que envolve a própria categoria gênero.

Um balanço da produção e a crítica interna permitem visualizar o surgimento de desafios. Inquestionavelmente, grande parte da produção historiográfica

⁴ Partindo do pressuposto que não se pode fazer história sem registro, torna-se indispensável a organização de coleções, corpos documentais, arquivos e bibliotecas temáticas, bem como a produção de inventários e outros elementos que possam mais facilmente viabilizar a pesquisa histórica de gênero.

⁵ CHARTIER, Roger. Diferenças entre os sexos e dominação simbólica. *Cadernos Pagu* (4), Campinas, 1995.

privilegiou o enfoque das experiências femininas em detrimento de seu universo de relações com o mundo masculino. Poucos são os estudos que analisam a masculinidade, bem como a homossexualidade, deixando de revelar a pluralidade dos femininos e dos masculinos.

Esforços vêm sendo feitos no sentido de se reconhecer a diferença dentro da diferença, apontando que **mulher** e **homem** não constituem simples aglomerados; mas elementos como cultura, classe, etnia, geração, religião e ocupação devem ser mais ponderados e inter cruzados numa tentativa de desvendamento mais frutífera, através de pesquisas específicas que evitem tendências a generalizações e premissas preestabelecidas. Sobrevem a preocupação em desfazer noções abstratas de “mulher” e “homem”, enquanto identidades únicas, a-históricas e essencialistas, para pensar a mulher e o homem como diversidade no bojo da historicidade de suas inter-relações.

Proliferaram os estudos concretos, mas já se sente a necessidade de uma síntese que abarque as continuidades e descontinuidades, as desigualdades persistentes e as experiências sociais radicalmente diferentes.

Igualmente difícil de analisar é a relação entre o particular e o geral, de modo que constitui grande desafio para o historiador mostrar como os gêneros fazem parte da história, abordá-los mais de modo analítico que apenas descritivo, relacioná-los aos acontecimentos mais conjunturais, estabelecendo relações e articulações mais amplas, inserindo-os na dinâmica das transformações sociais, econômicas, políticas e culturais, o que propicia a reinvenção da totalidade histórica dentro do limite do objeto pesquisado.

Por outro lado, deve-se lembrar a manutenção da discrepância entre a alta qualidade da recente investigação histórica sobre as mulheres e a persistência de seu *status* marginal, que se soma à debilidade dos movimentos feministas contemporâneos, descolados dos estudos acadêmicos.

Vem sendo dirigida uma atenção especial às lutas e resistências das mulheres no passado, porém, resta muito a fazer, em especial, sobre a história do feminismo, procurando recuperar toda a sua historicidade e a diversidade de suas reivindicações. Há que se aprofundar a análise não apenas das experiências masculina e feminina no passado, mas também da conexão entre história passada e prática atual.

Os estudos de gênero, porém, não representam opção para o pesquisador preocupado com um método que pressuponha equilíbrio, estabilidade e funcionalidade. Tal temática é extremamente abrangente e impõe dificuldades para definições precisas. São muitos os obstáculos para os pesquisadores que se atrevem a enveredar pelos estudos de gênero – campo minado de incertezas, repleto de controvérsias e de ambigüidades, caminho inóspito para quem procura marcos teóricos fixos e muito definidos.